

BACHELARD: UM ESPAÇO PARA OS DEVANEIOS*

Marcela de Queiroz Teófilo

Resumo: Este ensaio reconhece a dualidade que Bachelard aponta no sujeito cognoscente, cujo resultado em sua obra consiste numa alternância dos temas epistemológicos com os temas estéticos. Depois, envereda por questões que nos levam a refletir sobre uma postura sonhadora chamada devaneio. Através de duas obras, *A Poética do Espaço* e *A Poética do Devaneio*, procuraremos entender como funciona o método fenomenológico, ao qual recorre o filósofo, permitindo-o lidar com uma trama permeada de assuntos como: temporalidade, história, infância e cosmos. Assuntos que, tão logo postos em discussão, resgatam a importância e o espaço dos devaneios na vida dos homens.

Palavras-chave: Bachelard. Conceitos. Imagens. Sonhos noturnos. Devaneios. Poesia.

* O presente ensaio é fruto de um estudo monográfico desenvolvido sob a orientação do Professor Alfeu Trancoso e apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMG), no segundo semestre de 2006. Agradecimentos especiais ao Professor Alfeu Trancoso pela instigante iniciação nos estudos sobre o pensamento bachelardiano, bem como pela motivação com que desenvolveu sua função desde que aceitou o convite para orientar o trabalho aqui apresentado; e ao Professor Eduardo Soares pelos exemplos de empenho e de disponibilidade, os quais nos incentivaram a fazer o melhor que pudemos dentro daquilo que nos foi proposto.

1. Introdução

Gaston Bachelard, em sua travessia de 1884 até 1962, conviveu com a febre das teorias científicas revolucionárias que caminharam por todo o século XIX, e com acontecimentos catastróficos que conferiram ao século XX um escuro tom de morbidez na história da humanidade. Sem dúvida, Bachelard conheceu a ciência protagonista, dos progressos e das promessas; mas foi também apresentado à ciência antagonista, das armas, da destruição em massa, ou seja, das guerras em proporções nunca antes vistas. Muitas lacunas estavam abertas, algumas posturas precisavam ser repensadas, inadiavelmente. O pensador francês que aqui apresentamos era, até então, um licenciado em matemática, cujos planos correspondiam a formar-se engenheiro, e que acabou acordando para direções diferentes, após a Primeira Grande Guerra (1914-1918) ter-lhe toldado o percurso anterior. Em tais condições, ao retornar dos serviços de guerra, ingressou como professor de Ciências Naturais em uma escola secundária de Bar-sur-Aube, sua cidade natal, localizada na região da Champagne. Nesta mesma escola, teve os primeiros contatos com o ensino de Filosofia, visto que, naquela época, era habitual lecionar variadas disciplinas. Os estudos, a docência e a sempre presente leitura foram se sucedendo, até configurar-se uma respeitável obra que hoje nos liga ao filósofo e historiador das ciências, mestre em Filosofia e doutor em Letras que chegou não só a lecionar na renomada Sorbonne, como também a receber o Prêmio Nacional de Letras, em 1961.

A obra de Bachelard se iniciou no campo da ciência, todavia, acrescentamos com destaque que o pensamento bachelardiano não se deteve aos temas epistemológicos. Além das teorias científicas como as geometrias não-euclidianas e a mecânica quântica, também o idealismo francês, o surrealismo, a psicologia profunda de Jung e a psicanálise chamavam a atenção de Bachelard, influenciando-o em muitos momentos de sua produção acerca da estética. É comum se pensar que, tão logo os temas estéticos começam a aparecer no pensamento de um filósofo da ciência, deve acontecer indispensavelmente a opção por apenas uma das abordagens. Afinal, a História da Filosofia tem nos contado um razoável número de histórias parecidas. Mas

a de Bachelard, sob este aspecto, é bem diferente: ele não negou uma parte do próprio pensamento pela afirmação da outra. Por isto, suas publicações concernentes ao conhecimento científico passaram a uma alternância com suas publicações acerca dos assuntos derivados da imaginação, continuando assim por 23 anos correspondentes a uma fase já madura do pensador, período que durou até a sua morte (1962).

Nesse ensaio, as reflexões ficarão concentradas na produção de Bachelard em torno da estética, mais precisamente nos assuntos ligados à imaginação. Assim, o onírico e o poético serão indispensáveis para que possamos estudar os devaneios, em torno dos quais giram nossas principais questões: como Bachelard concebe as relações entre intelecto e imaginação? E como considera a existência de diferentes tempos? Que características próprias o filósofo aponta nos devaneios? Para estudar tais questões, contamos com duas obras que estão entre as últimas escritas por Bachelard: *A Poética do Espaço*¹ e *Poética do Devaneio*². Nelas, o filósofo detalha a natureza do método fenomenológico escolhido para tratar dos temas que emergem junto aos devaneios evocados, tais como sonhos noturnos, consciência, linguagem, poesia, história, infância, cosmicidade, dentre outros. Logo, trata-se de um contexto cujo teor é curioso e que pode nos levar a um contato com abordagens que muitos de nós sequer ousaríamos imaginar que pudessem vir de um filósofo da ciência. Um exemplo está no fato de Bachelard não só aceitar, como também exaltar a primazia poética na arte de escrever e comunicar devaneios, os quais são frutos de uma postura sonhadora que invade a maior parte de nossas vidas e nos proporciona tranquilidade, repouso, deleite, liberdade... Portanto, está aberto aqui um espaço de reconhecimento da dualidade do sujeito cognoscente, no qual a discussão em torno do real e do irreal sugere, como bem ilustram os devaneios, romper com o contra senso dos padrões de certos ou errados, de melhores ou piores e, até mesmo, de lúcidos ou loucos.

¹ Obra publicada por Bachelard em 1957, da qual citaremos muitos trechos identificados pela sigla PE, cuja tradução data de 1979 (vide referências).

² Obra publicada por Bachelard em 1961, da qual citaremos muitos trechos identificados pela sigla PD, cuja tradução data de 1988 (vide referências).

2. O homem diurno e o homem noturno

Antes de chegarmos propriamente aos devaneios, é importante fazer cair qualquer tipo de supremacia incondicional que o assunto suscita, sobretudo a supremacia da razão sobre a imaginação que, de modo habitual, determinados pensamentos e correntes pretendem instaurar. Veremos que os conceitos dos cientistas e as imagens dos poetas nem mesmo podem coexistir integralmente. Para alcançarmos bem esta noção, Bachelard (PE, p.254) nos lembra: “a verificação faz morrer as imagens.” E todos sabemos que a verificação é imprescindível para a postura científica perante a realidade. Quem imagina, entretanto, não o faz pelo objetivo de conceituar: “Nunca a imaginação chega a dizer: é só aquilo. É sempre mais que aquilo” (PE, p.253). Enquanto a linguagem conceitual é uma teia de comparações entre fatos, a abordagem do imaginário é *superlativa*, pois vai aos valores da realidade, aumentando-os.

Aqui, estamos sublinhando uma polaridade, e não uma rivalidade. Entre o intelecto e a imaginação, Bachelard vê uma oposição na qual os pólos, ao invés de se atraírem através de uma espécie de luta por um único lugar, repelem-se. Isto fica mais claro quando lemos o seguinte trecho escrito por Bachelard (PD, p. 50):

Talvez seja bom excitar uma rivalidade entre a atividade conceptual e a atividade de imaginação. Em todo caso, só se encontra desengano quando se pretende fazê-las cooperar. A imagem não pode fornecer matéria ao conceito. O conceito, dando estabilidade à imagem, lhe asfixiaria a vida.

Logo, o pensamento bachelardiano reconhece a existência de uma polaridade, mas, como foi destacado acima, não vê nela fundamentos para expulsar poetas ou para fazer cientistas abjurarem suas teorias. Pelo contrário, Bachelard nos leva ao pensamento de que o próprio mundo não é um lugar onde vivem dois grupos diferentes de homens. Todos nós nos sabemos pensantes e imaginantes, da mesma forma que um só dia comporta dois turnos diferentes: o *diurno* e o *noturno*. Através destes exemplos, prosseguimos bachelardianamente entendendo que também o sujeito cognoscente é dual, ou seja, há nele um *homem diurno* e um *homem noturno*. O primeiro se liga à razão e, por conseguinte, às ciências. O último está associado à imaginação, a qual se volta para as artes. Trata-se claramente de uma abordagem antropológica

que toma como base a estrutura da consciência, onde dois conhecimentos se alternam. Encontraremos, por exemplo, rastros de sonhos em propostas científicas, caso nos proponhamos a procurar. Também outras diferentes intersecções se farão ver. Afinal, numa consciência estruturada pela disposição do *diurno* e o *noturno*, o próprio bachelard não se surpreendeu com a descoberta de certas nuances nas madrugadas:

[...] não é apenas no plano das imagens que a imaginação trabalha. No plano das idéias, ela também cresce em excesso. Há idéias que sonham. Certas teorias que se acreditam científicas, são grandes devaneios, devaneios sem limites (PE, p.270).

Assim, mesmo que em obras anteriores tenha abordado intersecções entre os dois pólos, no auge de sua vida, o filósofo confessa: “Nem seria eu quem tentaria enfraquecer, mediante transações confusionais, a nítida polaridade do intelecto e da imaginação” (PD, p.50). O homem que escreveu um livro³ objetivando o exorcismo das imagens, as quais medram entre os conceitos erroneamente sustentando-os, é o mesmo que neste ponto se nega a declarar seu amor às imagens pela linguagem dos conceitos. Aqui, Bachelard (PD, p.52) nos faz entender que a dualidade da qual participam as imagens e os conceitos vai além de uma mera disputa:

É necessário amar os poderes psíquicos com dois amores diferentes quando se ama os conceitos e as imagens, os pólos masculinos e femininos da psique. Compreendi isso tarde demais. Tarde demais conheci a tranqüilidade de consciência no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas tranqüilidades de consciência que seriam a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma.

Logo, Bachelard defende que os conceitos falam na língua da razão e as imagens tomam as artes por idioma. Isto resulta em dois vocabulários sem correspondência. Então, porque se arriscar pelo por si só fracassado objetivo da língua única? Bachelard (PD, p.15) nos lembra de algo

³ Trata-se do livro: *A formação do espírito científico: contribuição à uma psicanálise do conhecimento objetivo*, publicado por Bachelard em 1938.

verdadeiramente relevante: “ao espírito convém a paciência de instruir-se ao longo do passado do saber. O passado da alma está tão longe!” O espírito é científico, como nos contam desde o título algumas obras de Bachelard e

sabemos agora que já estamos circundando os temas da alma, sendo o nosso próximo passo deixar que algumas reflexões introdutórias acerca do tempo nos conduzam ao nosso destino.

3. O tempo vertical e o tempo horizontal

O tempo é um fator abordado nos dois momentos da obra de Bachelard. Como outros, este assunto leva a um diálogo com diferentes pensadores⁴, do qual nasce a teoria do tempo bachelardiana. Aqui, procuraremos discorrer um pouco sobre tal teoria, partindo de determinadas concepções e aspectos, a fim de encontrar características que nos aproximem da noção temporal do *homem noturno*. Logo de início, Bachelard concebe que o tempo é feito de *instantes pontuais*. Pensando assim, é por ser feita de variados instantes, que a vida nos dá uma impressão íntima de *continuidade*. Contudo, ocorre que o tempo é *descontínuo*, pois os próprios instantes, na verdade pontuais, são desprovidos de *duração*. Através deste raciocínio, entende-se como tempo real o tempo perceptível pela consciência no instante presente, uma vez que, do passado e do futuro, podemos ter apenas perspectivas dos instantes de hoje e de amanhã. Daí Bachelard (PE, p. 2405) escrever: “Do presente pode-se talvez dizer tudo, mas do passado...” Ainda assim, é notável que, apesar da descontinuidade do tempo, a consciência de cada um de nós teça livremente sua trama, sua duração. Como mencionamos, os instantes do passado e do presente não se identificam totalmente. Em cada hoje, têm lugar os nossos conhecidos *hábitos*, estas intervenções da consciência que, mesmo não repetindo com fidelidade instantes anteriores, fazem com que estes renasçam.

⁴Roupenel, Einstein, Pierre Janet, Planck, Dupréel, o filósofo brasileiro Lúcio Alberto Pinheiro dos Santo e Bergson.

Desta maneira, o hábito, uma vez que continua o passado sem repeti-lo, abre as portas para o *progresso*, para o novo e para o dinâmico.

Podemos também recorrer a uma outra noção temporal: o *ritmo*. Se o instante é um elemento considerado primordial por Bachelard, o ritmo o é igualmente. Para entendermos o que está envolvido neste elemento, é preciso irmos aos fundamentos temporais do ser. Só assim perceberemos neles uma dialética entre ser e não-ser, atividade e repouso, num ritmo alternado de instantes. Através deste tipo de dialética, chegamos mais perto também do que Bachelard chamou de *tempo vertical* e de *tempo horizontal*. O primeiro é o tempo das artes, no qual um instante é tornado imóvel. Para render-se a este tempo, é necessário romper com o *tempo horizontal* das vivências pessoais, do cronológico e do social. É interessante pensar que, para entrarmos no tempo vertical, pedimos licença, e licença poética, muitas vezes. Quem de nós irá negar que estamos, em nossa maioria, habituados ao tempo horizontal, à horizontalidade dos ponteiros que giram nos relógios nos indicando quando temos que fazer isto ou aquilo? Portanto, junto com Bachelard, conseguimos imaginar o tempo constituído de outros tempos separados, embora *superpostos*, numa mesma vida que é a nossa experiência cotidiana.

Para nós, deve ficar claro que, adiante, encontraremos posturas de um tempo diferente do tempo dos relógios, um tempo em que somos mais capazes de dimensionar a grandeza dessa pequena frase de Bachelard: “O tique-taque de nossos relógios é tão grosseiro, tão mecanicamente contido que não temos ouvidos capazes de ouvir o tempo que passa” (PE, p. 196). Afinal, a atmosfera imaginária é outra, é característica, leve, mas forte o suficiente para dissolver “as concreções infelizes” (PD, 123), fazendo reinar um outro tempo sobre os homens.

4. Devaneios: nossos “sonhos diurnos”

De acordo com o que foi desenvolvido acima, temos o suficiente para acreditarmos que o tempo dos devaneios não é um *tempo horizontal*. Bachelard (PD, p. 96) confirma isto quando registra: “o ser do devaneio atravessa sem envelhecer todas as idades do homem [...]”; o que de pronto nos confirma que o

tempo do devaneio não obedece à linearidade da cronologia. Retornaremos aqui a outros aspectos que incluem no *tempo vertical* os nossos devaneios, tempo este que é diferente do tempo que reina sobre o nosso cotidiano, como diferentes são em muitos aspectos os nossos “sonhos diurnos”. Porque os devaneios correspondem a uma postura sonhadora muito diferente do sonho noturno, algo que ganha muito destaque para Bachelard. Isto quer dizer que aqueles não se resumem a desdobramentos destes, possuindo em meio a muitas características próprias, uma essência distinta, na qual podemos encontrar alguma intervenção da consciência. Recorrendo às palavras de Bachelard (PD, p. 141), os “[...] sonhos noturnos, esses sonhos da extrema noite, não podem ser experiências onde se formula o *cogito*. O sujeito permanece nele sem seu ser - são sonhos sem sujeito.” Ao pensarmos sob este aspecto, algo é notável quando dormimos e sonhamos: “[...] parece que um outro sujeito vem sonhar em nós” (PD, p.11). De fato, é bastante curioso, pois até mesmo ao narrarmos os momentos sonhados como momentos vividos por nós, acabamos carregando a narrativa com muito mais fantasia do que houve originalmente. Chega a parecer que estão em cena dois sujeitos diferentes: o sonhador e o narrador. O sonho, de acordo com o que é dito pela psicologia, testemunha por nosso inconsciente. Mas, quando o assunto é devaneio, Bachelard nos desperta para a seguinte especificidade: a consciência pode intervir. E é aí que devemos refletir em torno do *cogito do sonhador*, cuja postura sonhadora, vale lembrar, é o devaneio, porque nele “temos uma consciência ainda bastante clara para estarmos certos de que aquilo que dizemos a nós mesmos só dizemos de veras a nós mesmos” (PD, p.54). Durante um sonho noturno, entretanto, o sonhador não está livre de constrangimentos e medos, tampouco está certo de que pode dizer coisas para si mesmo com privacidade. Entretanto, Bachelard não descarta a ocorrência simultânea das duas posturas sonhadoras. Quando o autor (PD, p.12) lembra das “(...) faixas de tranquilidade em meio aos pesadelos”, refere-se justamente ao bem estar que o traço de consciência dos devaneios tende a nos proporcionar durante as estranhas situações de alguns sonhos noturnos, uma consciência de que tal situação desagradável não é real. Baseando-nos neste exemplo, pensemos na seguinte polêmica:

[...] os psicólogos correm ao mais característico, estudam primeiro o sonho, o espantoso sonho noturno, e dão pouca atenção aos devaneios, a devaneios que para eles não passam de sonhos confusos, sem estrutura, sem história, sem enigmas (PD, p.10).

Veremos detalhadamente que os devaneios, por uma variedade de características, não podem ser traduzidos em complexos psicológicos. Além do mais, Bachelard (PD, p.11) adverte: “[...] existem outros devaneios que não pertencem a esse estado crepuscular onde se mesclam vida diurna e vida noturna. E o devaneio diurno merece, em muitos aspectos, um estudo direto.” Este estudo direto é também específico. Bachelard conta com o método fenomenológico para estudar os devaneios diurnos, estes que não se relacionam nem por intervenção, nem por antecedência com os sonhos noturnos. Para entendermos um pouco mais sobre a natureza de tal fenomenologia do devaneio, Bachelard (PD, p. 2) continua recorrendo a comparações com métodos da psicologia:

Tudo seria mais simples, parece, se seguíssemos os bons métodos do psicólogo, que descreve aquilo que observa, mede níveis, classifica tipos - que vê nascer a imaginação nas crianças sem nunca, a bem dizer, examinar como ela morre na generalidade dos homens.

Num momento anterior, falávamos do *homem diurno* e do *homem noturno*, na perspectiva de uma dualidade do sujeito cognoscente que nos remete a diferentes formas de interação com o mundo. A idéia de que a Psique é dual em suas profundezas⁵ também pode ser de grande valia para nós. As figuras desta dualidade são o *animus* e a *anima*. O primeiro se liga ao momento do projeto, das construções, do convívio social... Em resumo, o *animus* é “[...] o homem exterior, o homem que tem necessidade do outro para pensar” (PD, p.100). Mas, ao convocarmos os devaneios como tema, estamos

⁵Bachelard se inspira na Psicologia de Jung para desenvolver este tema.

convocando a *anima* do repouso, do poético e da solidão. Novamente, a velha comparação ilustra nosso exemplo:

[...] de um modo geral, o sonho noturno pertence ao *animus* e o devaneio à (*sic*) *anima*. O devaneio sem drama, sem acontecimento, sem história nos dá o verdadeiro repouso, o repouso feminino. Com ele ganhamos doçura de viver (PD, p.20).

Tivemos mais uma amostra de como a psicologia se volta para os sonhos noturnos, os *sonhos sem sujeito*, analisando sob o domínio do *animus* os relatos de quem sonhou. Também os antropólogos analisam estes sonhos, comparando-os aos mitos. Sem dúvida, de acordo com o trecho supracitado, não é com os documentos destes estudiosos que o fenomenólogo pretende trabalhar. Fazer uma fenomenologia do devaneio implica fazer uma fenomenologia da imagem, na qual não pode faltar a participação da *imaginação criante e demiúrgica*. Assim, dois estudos nos quais a abrangência de um esteja na abordagem psicológica e a de outro na abordagem fenomenológica devem ser antitéticos. Com isto em mente, Bachelard (PD, p.5) recorre à seguinte tese filosófica:

[...] para nós, toda tomada de consciência é um crescimento de consciência, um aumento de luz, um reforço de coerência psíquica. Sua rapidez ou instantaneidade podem nos mascarar o crescimento. Mas há crescimento de ser em toda tomada de consciência. A consciência é contemporânea a um devir psíquico vigoroso, um devir que propaga seu vigor por todo o psiquismo.

O devaneio é por si só um fenômeno psíquico que causa polêmicas frequentes. Não poderia ser de outro jeito, uma vez que, além de se relacionarem com o *irreal*, os devaneios são muitas vezes intransigentes diante das convenções sociais, promovem escapadas do tempo usual, fazem com que nos voltemos para um espaço mais amplo que a sociedade... Sobretudo quando mantemos posturas habituadas aos conceitos, os debates envolvendo devaneios tendem a ser calorosos. Um debate de proporções consideráveis pode certamente surgir com o seguinte pensamento de Bachelard: a memória, quando intervém no devaneio, o faz de forma peculiar. Ou seja, a memória enquanto interage com o devaneio não é “[...] um campo de ruínas psicológicas, um amontoado de recordações” (PD, p. 94). Chamamos, portanto, de nova posição da memória o que faz com que o passado rememorado nunca se restrinja ao perceptível ou, em outras palavras, com que o passado, no devaneio,

sempre tenha um valor enquanto imagem. Assim, ainda referente a uma relação entre memória e imaginação, o que Bachelard (PD, p.114) ressalta é:

Quanto mais mergulhamos no passado, mais aparece como indissolúvel o misto psicológico memória-imaginação. Se quisermos participar do existencialismo do poético, devemos reforçar a união da imaginação com a memória. Para isso é necessário desembaraçar-nos da memória historiadora, que impõe os seus privilégios ideativos.

Se quanto mais longínquo o passado, mais se misturam memória e imaginação, é em nossas infâncias que podemos buscar os nossos devaneios mais solitários, aqueles que nos ligavam diretamente ao mundo sem se aterem às histórias contadas ao redor. Mais solitários são tais devaneios, porque a solidão da criança “[...] é menos social, menos insurgida contra a sociedade, do que a solidão do adulto”, observa Bachelard (PD, p.102). Além do mais:

[...] o devaneio não conta histórias. Ou, pelo menos, há devaneios que nos ajudam a descer tão profundamente em nós mesmos que nos desembaraçam da nossa história. Libertam-nos do nosso nome. Devolvem-nos essas solidões de hoje, às solidões primeiras [...] deixam em certas almas marcas indeléveis. Toda a vida é sensibilizada para um devaneio que sabe o preço da solidão (PD, p. 93-94).

Pela psicologia, pela antropologia e por mais um sem número de caminhos, recorreremos a histórias, mitos e lendas para abordar as experiências do homem sonhador. Mas, Bachelard (PD, p.100) sempre nos lembra que “o devaneio desloca globos de pensamentos sem grande preocupação de seguir o fio de uma aventura e nisso se mostra bem diferente do sonho noturno que anseia por contar-nos uma história.” Logo, os devaneios não podem ser contados como uma sucessão de fatos. Ao devanearmos, as imagens se carregam de valores e colorações diversas. Daí Bachelard defender que devaneios devem ser escritos, a exemplo de como o fazem os poetas, e não simplesmente narrados. Entre psicólogos e poetas, o filósofo (PD, p.2) também questiona: “[...] pode um filósofo tornar-se psicólogo? Pode dobrar o seu orgulho a ponto de se contentar com a verificação dos fatos quando já entrou com todas as paixões requeridas no mundo dos valores?” E prossegue: “Quem nos ajudará a reencontrar em nós os valores psicológicos da intimidade?” Até que se depara com um caminho:

Quando leio os poetas, mais reconforto e paz encontro nos devaneios da lembrança. Os poetas ajudam-nos a afagar nossas felicidades de *anima*. Naturalmente, o poeta nada diz do nosso passado positivo. Mas, pela virtude da vida imaginada, o poeta acende em torno de nós uma nova luz: nos nossos devaneios, pintamos quadros impressionistas do nosso passado. Os poetas nos convencem de que todos os nossos devaneios de criança merecem ser recomeçados (PD, p.100).

Partindo das muitas imagens que repousam nos livros, em especial nos livros dos poetas, o fenomenólogo pode acordar a própria consciência poética de seu sono. Bachelard lembra: “[...] os livros estão aí para nos darem mil moradas aos nossos devaneios” (PE, p.213). No entanto, é necessário que nos livremos de certos vícios, os quais tornam cativas as palavras em uma condição nada favorável à proposta que ora apresentamos. O *vício da ocularidade*, como nomeou Bachelard, é consequência do hipertrofiado valor que a cultura ocidental dispensa à causa formal, de uma ânsia por mostrar e demonstrar que impregna inclusive o vocabulário com termos e expressões desta supremacia do “ver”:

As palavras, em nossas culturas eruditas, foram tão amiúde definidas e redefinidas, ordenadas com tamanha precisão em nossos dicionários, que acabaram se tornando verdadeiros instrumentos do pensamento. Perderam o seu poder de onirismo interno. Para voltar a esse onirismo implícito nas palavras, seria mister empreender um pesquisa sobre os nomes que ainda sonham, os nomes que ainda são “filhos da noite” (PD, p.33).

A infância merece ser resgatada também neste ponto, já que é pura, não foi tomada ainda por nenhum destes vícios que adquirimos com o passar do tempo, através das exigências sociais. Quantos “filhos da noite”, quantos poetas versejam para de algum modo acordar as crianças que dormem em nós adultos! Agora, pensando na direção que tomamos, fica simples entender como “nos seus devaneios a criança realiza a unidade da poesia” (PD, p.120). Vale à pena então refletir sobre a grandeza infantil a partir do desabafo de Bachelard (PD, p.122, grifos do autor) que se segue:

Crianças, nos são *mostradas* tantas coisas que perdemos o senso profundo de *ver*. Ver e mostrar estão fenomenologicamente em violenta antítese. E como os adultos nos mostrariam o mundo que perderam!

Quando Bachelard se refere ao mundo, não fala do mundo que os telejornais nos *mostram* através das notícias de guerras, acidentes, desastres, homicídios... Refere-se ao mundo das meninas e dos meninos, onde em certas horas nada acontece e, no entanto, é vista uma beleza sem par neste nada acontecer. Aceitar a solidão, aqui, não significa se sujeitar a estar alheio ao mundo. Pelo contrário, as ligações que nascem na solidão entre os devaneios da criança e o mundo fazem com que tudo o que não toque a *anima* fique alheio ao sonhador por um instante, pois: “sob o seu império, a infância é sem complexos” (PD, p.120). Lembremo-nos de nossas relações infantis com as árvores, os córregos, as fogueiras, os ninhos, as nuvens... Por lembranças assim, não precisaríamos nos prender a mais nada se fosse o caso: elas explicariam como ninguém os motivos pelos quais “sem infância não há verdadeira cosmicidade” (PD, p.121). O cosmos, neste contexto, não é mudo para o devaneio e nem o devaneio é mudo para as outras pessoas:

[...] a infância, no seu valor arquétipo é *comunicável*. Uma alma nunca é surda a um *valor de infância*. Por singular que seja o traço evocado, se tiver o signo da primitividade da infância ele despertará em nós o arquétipo da infância. A infância, soma das insignificâncias do ser humano, tem um significado fenomenológico próprio, um significado fenomenológico puro porque está sob o signo do maravilhamento. Pela graça do poeta, tornamo-nos o puro e simples sujeito do verbo maravilhar-se (PD, p. 121-122, grifos do autor).

O arquétipo ao qual Bachelard se refere não é, decerto, uma metáfora dispensável. Enquanto o arquetípico diz respeito às imagens, o metafórico meramente “[...] vem dar um corpo concreto a uma impressão difícil de exprimir” (PE, p. 245). Os poetas vão muito além do pobre enfileiramento de metáforas. Aliás, a poesia não é uma fila nem de metáforas, nem de fatos psicanaliticamente unidos por um “nó complexual” (PE, p. 252):

As doutrinas timidamente causais como a Psicologia ou fortemente causais como a Psicanálise não podem determinar a ontologia do poético: nada prepara uma imagem poética, nem a cultura, no modo literário, nem a percepção no modo psicológico (PE, p. 188).

E o que poderíamos dizer se voltássemos à infância da Filosofia? Se não recorrêssemos mais ao menino ligado ao cosmos pelo devaneio, bem que

poderíamos recorrer a um filósofo jônico ligado aos “quatro elementos” pelo pensamento. Podemos imaginar aqui o quanto os devaneios envolvendo a matéria são singulares. As imagens diante do fogo, do ar, da água e da terra se expandem através dos devaneios do sujeito que as contempla, até atingirem o nível do universo. Se recorrermos aos antigos pensadores que buscavam nos elementos princípio(s) de sustentação para todo o mundo, podemos nos perguntar: “Os filósofos da Antiguidade não nos deram testemunhos precisos dos mundos substancializados por uma matéria cósmica?” E Bachelard nos dará a seguinte resposta:

Eram os sonhos de grandes pensadores. Sempre me admira que os historiadores da filosofia pensem essas grandes imagens cósmicas sem nunca sonhá-las, sem nunca lhes restituir o privilégio de devaneio (PD, p. 169, grifos do autor).

5. Conclusão

Enfim, tantas reflexões fizeram parecer que estamos mergulhados há algum tempo. Se, do fundo, olharmos para cima, reencontraremos na superfície as imagens e os conceitos. Caso o vento sopra em direção à água provocando uma mistura, conseguiremos ver, a exemplo de uma observação de Bachelard, o *alquimista no cientista*. E aprofundaremos mais, encontrando os poetas que nos ensinam sem saber que: “é sempre assim: os centros de devaneios bem determinados são meios de comunicação entre os homens do sonho com a mesma segurança que os conceitos bem definidos são meios de comunicação entre os homens do pensamento” (PE, p.223). Não obstante, será nas profundezas do pensamento de um filósofo que soube traçar tanto uma epistemologia como uma poética, que chegará a nos faltar o ar, pois, logo no solo, morada das raízes, está a inquietante conclusão: “sonhar os devaneios e pensar os pensamentos, eis, não há dúvidas, duas disciplinas difíceis de equilibrar” (PD, p. 169). Num jeito de dizer, basta um sopro para que os conceitos sonhem ou para que as imagens pensem, porque, ainda que nos fixemos na definida polaridade entre imaginação e intelecto, a dualidade dinâmica de nossas consciências nos desafia. Assim, o *homem noturno* e o *homem diurno* despertam, do mesmo mundo onde estão, dois mundos diferentes: o das

imagens e o dos conceitos. Entretanto, o poeta e o cientista, por exemplo, não são os representantes respectivos da *anima* e do *animus*, uma vez que ambos possuem uma consciência dual. Através da própria obra, Bachelard nos sugere algo: alternar as posturas, a exemplo dos dias e das noites que se alternam. Desta maneira, ressaltamos aqui os devaneios como participantes de uma consciência plena, mas, não plena de ciência apenas, porque a proposta consiste em pensar bachelardianamente o seguinte: ainda que pudéssemos recorrer a alguma espécie de abstenção de nossa porção sonhadora, isto equivaleria a eclipsar parte de nossa própria consciência.

REFERÊNCIAS

Obras de Bachelard

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Joaquim José Moura. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1979 (Os Pensadores).

_____. *A poética do devaneio*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

_____. *O ar e os sonhos*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A psicanálise do fogo*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____. *A terra e os devaneios do repouso*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. *A terra e os devaneios da vontade*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Obras complementares sobre Bachelard

CESAR, Constança M.. *Bachelard: ciência e poesia*. São Paulo: Paulinas, 1989.

JAPIASSÚ, Hilton. *Para ler Bachelard*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1976.

MELLO, André Luiz de; BERNARDO, Albino Vitório. *Filosofia, poesia e imaginação em Gaston Bachelard*. Trabalho apresentado ao Departamento de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, sob a orientação do Professor Alfeu Trancoso, 2005.

